



Colóquio, de Camargo Guarnien
Desespero, de Vicente Asencio
Cantiga antiga, de Matilde Salvador
Instante, de José Evangelista
Mais uma vez, de José Evangelista
Cantiga do neno da tenda, de Xoán Rubia

A música de seis poemas universais de Ernesto Guerra da Cal

Edição comemorativa do centenário
de seu nascimento a cargo de

Isabel Rei Samartim
José Luis do Pico Orjais
Joám Trillo

A música de seis **poemas** universais de **Ernesto Guerra da Cal**

Edição a cargo de

Isabel Rei Samartim
José Luis do Pico Orjais
Joám Trillo



Academia Galega da
Língua Portuguesa

A música de seis poemas universais de Ernesto Guerra da Cal

RESERVADOS TODOS OS DIREITOS

Não está permitida a reprodução total ou parcial desta obra nem o seu tratamento ou transmissão por qualquer meio ou método sem autorização escrita da editora. Qualquer forma de reprodução, distribuição, comunicação pública ou transformação desta obra só pode ser realizada com a autorização dos seus titulares, salvo exceção prevista pela lei. Dirija-se a CEDRO (Centro Espanhol de Direitos Reprográficos, www.cedro.org) se necessita fotocopiar ou escanear algum fragmento desta obra.

Dos Acordes S.L.
c/ Rocamar 81-B.
36309 Baiona (Pontevedra)
Tel.: 630 816 537
www.dosacordes.es

ISMN: 979-0-801231-93-2
Depósito Legal: Vg 314-2012
Primeira Edição

© Para a presente edição, Isabel Rei Samartim, José Luis do Pico Orjais, Joám Trillo e Dos Acordes S.L., 2012

© Dos poemas, herdeiros de Ernesto Guerra da Cal, 2012

© Da música, os seus autores

© Dos textos, os seus autores

© Das imagens, os seus autores

Coordenador editorial: Javier Jurado

Desenho da portada: Dos Acordes

IMPRESSO EM ESPANHA - PRINTED IN SPAIN

Informação e pedidos: info@dosacordes.es

A música de seis poemas universais de Ernesto Guerra da Cal

Colóquio, cantata para voz, quinteto de sopros, piano e percussão, de Camargo Guarnieri

Desespero, para canto e piano, de Vicente Asencio

Cantiga antiga, para canto e harpa, de Matilde Salvador

Instante, para canto e piano, de José Evangelista

Mais uma vez, para canto e piano, de José Evangelista

Cantiga do neno da tenda, de Xoán Rubia (*Arranjo para canto e duas guitarras de Isabel Rei*)

Edição a cargo de

Isabel Rei Samartim
José Luis do Pico Orjais
Joám Trillo

Agradecemos especialmente a colaboração nesta edição
de Carlos Durão, António Gil, Joel Gômes, Jeanne Pereira,
Rosa Castell (*Institut Valencià de la Música*)
e John O'Neill (*Hispanic Society of NewYork*).

Guerra da Cal “Lírico”

É sabido que a poesia nasceu como “lírica”, isto é, como texto literário que vai acompanhado de melodia, quer da voz humana, quer de algum instrumento musical -e, emblematicamente, da *lira*. E desse modo acontece que a referência à *lira* tem-se tornado para alguns poetas um meio elusivo e objetivizador de aludir à sua própria inspiração poética: “A minha lira canta...” (como “A minha musa...”).

Texto literário e melodia perfizeram assim uma unidade na qual os dois elementos constitutivos se reforçavam mutuamente: a mensagem linguística acolhia uma nova energia por força da música, tanto da melodia como de eventuais instrumentos acompanhantes, e os sons musicais recebiam também uma potencialidade nova graças à maior concretização que o texto literário lhes infundia; e todo o conjunto, para além de assumir as qualidades de espetáculo coletivo, aumentava a facilidade de memorização individual e de transmissão comunitária, tanto no espaço como no tempo.

As *cantigas trovadorescas*: poemas musicados

Se isto foi o que aconteceu na história geral da humanidade e na poesia popular de toda a parte, essa peripécia realizou-se exatamente na história literária da nossa língua: a primeira manifestação da Literatura em língua portuguesa foi a poesia trovadoresca, cujos autores (os trovadores) criavam ao mesmo tempo texto poético e melodia musical, e compunham assim poemas que se chamavam *cantigas*, porque, contrariamente ao que se passa com a poesia nos tempos modernos, estavam destinados a ser transmitidos não pela leitura mas pela execução musical, não pelos olhos mas pelos ouvidos.

Dois blocos conformaram a nossa poesia trovadoresca: profana e religiosa. Por azares da transmissão escrita, poucas melodias se conservaram da poesia profana: dos quase 1700 poemas, apenas 6 *cantigas* de amigo do trovador Martim Codax e 7 *cantigas* de amor do rei Dom Denis. A estas 13 melodias conservadas podemos talvez acrescentar, conjecturalmente, outras conservadas noutros textos da época (nomeadamente, da poesia trovadoresca provençal) que parece foram aplicadas pelos nossos trovadores aos seus poemas.

Mas frente a esta penúria de melodias profanas, contamos com o riquíssimo repertório das *Cantigas de Santa Maria*: dos 420 poemas, conservamos as melodias de 416.

Na Galiza contemporânea

Se nos situamos na Literatura contemporânea da Galiza, podemos observar como Carvalho Calero na sua monumental *História da literatura galega contemporânea 1808-1936* inclui um capítulo intitulado «O acompanhamento musical». Vale a pena reproduzirmos aqui esse texto (acrescentando entre colchetes algum novo pormenor, especialmente cronológico), porque nos oferece um bom resumo de poemas cantados que se tornaram peças clássicas da nossa vida cultural:

“Para completar -sequer seja de feitio esquemático- este someiro quadro do ambiente em que se desenrola o segundo renascimento literário, há que fazer uma breve referência ao desenvolvimento da música neste período. Porque, em estreita colaboração com os escritores, os músicos recolheram e utilizaram os motivos folclóricos que lhes brindavam as *cantigas* que se cantavam ao fio do viver labrego. O labor de criação pessoal baseou-se nesses motivos, e, ainda que não se chegou à criação

do grande poema sinfónico ou da grande ópera galega, as melodias dos mestres deste tempo deram nova vida às rimas dos poetas e difundiram poderosamente a sua obra.

Foi importante, como veículo desta transmissão, a criação de orfeões, em cuja direção se distinguiram [Pascual] Veiga, e de coros, iniciada por dom Perfecto Feijoo. Santiago Tafall Abad destacou como musicólogo, assim como José Maria Varela Silvari e Indalécio Varela Lenzano.

Citaremos os principais compositores de música, pondo-os em relação com a produção poética contemporânea.

Marcial del Adalid [A Corunha 1826-1881], nos seus *Cantares viejos y nuevos de Galicia*, e [José Maria] Varela Silvari, nos seus *Cantares gallegos*, trabalham sobre um fundo poético eminentemente popular.

Mas outros músicos dedicaram-se especialmente a compor melodias baseadas na letra das peças poéticas mais famosas dos literatos do tempo.

As mais célebres composições de Pascual Veiga são a «Alvorada» (“Deixai os leitinhos”, de dom Francisco Maria de la Iglésia) e «Os pinhos» ou «Hino galego» [“Que dim os rumorosos”] (de Pondal).

João Montes [Lugo 1840-1899] logrou o seu maior êxito com «Negra Sombra» (“Quando penso que te fuste”, de Rosalia), e atingiu também muita popularidade compondo sobre letras de Curros («Uma noite na eira do trigo»), Aureliano Pereira («Longe da Terrinha»), e Rodríguez López («Ai Marujinha, por Deus dá-me um bico»).

Canuto Berea [A Corunha 1836-1891] é autor de «Um suspiro», sobre a rima de Martínez González “O dia que eu saí da pátria minha”.

Taibo de um «Hino galego» (“Casta dos celtas”, de Alfredo Branhas).

José Castro «Chané» [Santiago de Compostela 1856 - A Havana 1917] é o músico de Curros, com quem conviveu na Havana e de quem foi grande amigo: «Os teus olhos» [“Tem a sereia o canto”], «Adeus a Mariquinha» [“Como tu vás pra longe”], «Tangaranhos» [“Sam Benito de Cova de Lobo”], «Juramento» [“Na noite da despedida”].

José Baldomir [A Corunha 1867-1947] é o autor de «Maio longo», «Tu ontem, manhã eu», «No céu, azul claríssimo», «Mas vê que o meu coração», «A um batido, outro batido», letras todas de Rosalia; «“- Como foi?” “- Eu topava-me fora», de Curros, e «Dois amores», de Salvador Golpe”¹.

Bastará lembrar que, mercê a tal acompanhamento musical, esses poemas galegos tiveram a fortuna de ser regenerados com uma segunda vida, e alguns deles chegaram a assumir a categoria de símbolo da nossa identidade cultural: em primeiro lugar, o poema de Pondal que foi adotado como hino galego, mas também a «Negra sombra» de Rosalia ou «Uma noite na eira do trigo» de Curros.

De resto, felizmente esse processo prolongou-se ainda no tempo e chega aos nossos dias. Podemos citar «Lela» (“Estão as nuvens chorando”), de Rosendo Mato Hermida, com texto de Castelao, ou «Testemunho» (“Presento o testemunho das feridas”), de Joám Trillo, com texto de Celso Emílio Ferreiro.

A um nível mais popular poderiam lembrar-se as melodias com que revitalizaram e popularizaram poemas galegos, em tempos recentes, cantautores como Amancio Prada, Suso Vaamonde, Miro Casavella, Luis Emílio Batallán (ademais de Xoán Rubia, a que logo faremos referência)...

Seis poemas de Guerra da Cal

Confessava José Luís do Pico Orjais que um músico como ele é, lendo os poemas de Ernesto Guerra da Cal (Ferrol 1911- Lisboa 1994)², sentia interiormente como um convite a compor-lhes uma melodia. Será porque a inspiração poética em que estão configurados amostra como harmónico fundamental uma espécie de sentido melódico e rítmico que acompanha e modula o desenvolvimento do texto poético.

Compreende-se bem que houvesse compositores que se deixaram cativar por esse encantamento musical da poesia de Guerra da Cal. A Academia Galega da Língua Portuguesa sente-se honrada em reunir e promover a edição aqui de seis dessas partituras, como parte da celebração do centenário do nascimento de Guerra da Cal, ao qual já dedicou a publicação de uma antologia poética (Guerra da Cal, *Breve Antologia Poética*, Edição de Carlos Durão)³ e um colóquio de homenagem em Santiago de Compostela em outubro de 2011.

Para além do nosso agradecimento aos compositores ou aos seus descendentes, já manifestado com mais autoridade na introdução de José Luís do Pico (a Tânia Camargo Guarnieri, Matilde Asencio Salvador, José Evangelista, Xoán Rubia), a AGLP agradece o trabalho dos três editores que colaboraram nesta publicação: do citado José Luís do Pico Orjais, membro da «Associação Pró AGLP», da académica Isabel Rei Samartim e do académico Joám Trillo, os três professores e intérpretes de música.

José-Martinho Montero Santalha

Presidente da Academia Galega da Língua Portuguesa

(Perlio, 19 de dezembro de 2011, no dia em que se cumprem cem anos do nascimento, no “outro lado da ria”, de Ernesto Guerra da Cal)

¹ Ricardo CARBALLO CALERO, *Historia da literatura galega contemporânea 1808-1936*, 3ª ed., Ed. Galaxia, Vigo 1981, pp. 141-142.

² Uma breve biografia de Guerra da Cal, redigida pelo académico Carlos Durão, pode ver-se na antologia citada na nota seguinte (disponível também na rede, como ali se indica). Uma apresentação mais ampla, tanto da vida como da obra de Guerra da Cal, elaborada por Joel R. Gómez, pode achar-se igualmente na rede, no sítio da AGAL: <http://www.agal-gz.org>. Joel R. Gómez é hoje o melhor especialista de Guerra da Cal; entre os seus vários trabalhos sobre o nosso autor podemos destacar estes dois: *Fazer(-se) um nome. Eça de Queirós-Guerra da Cal, um duplo processo de canonicidade na segunda metade do século XX*, Ed. do Castro, Sada - A Corunha 2002, e *A trajectória de Ernesto Guerra da Cal nos campos científico e literário*, tese de doutoramento editada pela Universidade de Santiago de Compostela ("Servizo de Publicacións e Intercambio Científico"; ISBN: 978-84-9887-257-6).

³ Guerra da Cal, *Breve Antologia Poética*, Edição de Carlos Durão, AGLP: Santiago de Compostela, 2011. “Editado pela Academia Galega da Língua Portuguesa no quadro das Comemorações do Centenário do Nascimento do Professor Ernesto Guerra da Cal (1911-1994). Santiago de Compostela, abril de 2011” (pág. 4). Acessível na rede em: <http://guerradacal.academiagalega.org>.

Nota breve à música dos Seis Poemas Universais de Ernesto Guerra da Cal

José Luís do Pico Orjais, da
Associação Cultural Pró Academia Galega da Língua Portuguesa

Quando comecei a preparar a minha intervenção no *Colóquio homenagem a Guerra da Cal*¹ desconhecia o impacto real que a música teve na vida e na obra do escritor ferrolano. Contava com os dados achegados pelo seu biógrafo, Joel R. Gómez², mas era preciso uma visão de conjunto e, sobretudo, disponibilizar num único volume todos os poemas de Guerra da Cal que foram musicados e dos quais existia a partitura. Os nomes dos maestros compositores, Camargo Guarnieri, Vicente Asencio, Matilde Salvador e José Evangelista, são, em si mesmos, o suficientemente importantes no panorama internacional como para universalizar a obra do nosso poeta.

O interesse da presente edição é a de chegar umas partituras saneadas, transcritas partindo dos originais manuscritos e, na medida do possível, com a supervisão dos autores ou dos seus herdeiros.

Neste sentido o meu agradecimento pessoal a Tânia Camargo Guarnieri, Matilde Asencio Salvador, José Evangelista e Xoán Rubia pela sua amabilidade e as facilidades dadas para a publicação dos *Seis Poemas Universais de Ernesto Guerra da Cal*.

- *A Cantata Colóquio*

Para conhecer a origem da *Cantata Colóquio* resulta imprescindível referirmo-nos ao impulso inicial dado a esta obra pelo professor Carleton Sprague-Smith (1905-1994), fundador em 1958 junto com Guerra da Cal do *Brazilian Institute of New York University*. Em 3 de dezembro deste ano está datada uma carta³ em que Sprague-Smith se interessa por se Guerra da Cal rematara o poema para a *Cantata* que será estreada no transcurso do *IV Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros*. Também a este musicólogo e flautista professor da Universidade de Nova Iorque parece dever-se a escolha para a composição da música de M. Camargo Guarnieri (Tietê, 1 de fevereiro de 1907; São Paulo, 13 de janeiro de 1993). De facto, a amizade vinha de longe já que em 1947 o compositor paulista dedica a Sprague-Smith a sua *Sonatina* para flauta e piano.

A estreia, segundo conta o próprio Guerra da Cal⁴, teve lugar no Salão Nobre da Universidade da Bahia. A soprano escolhida foi Olga Maria Schroetter. Esta cantante nascida no Rio Grande do Sul e membro duma importante saga de músicos brasileiros teve o seu debute

¹ *Colóquio homenagem a Guerra da Cal*. Academia Galega da Língua Portuguesa. 11 e 12 de outubro de 2011. Compostela.

² Gómez, Joel R. *A Trajectória de Ernesto Guerra da Cal nos campos científico e literário*. Tese de doutoramento. 2010 [Compostela; Universidade de Santiago de Compostela].

³ Gómez, Joel R. *Op. cit.*

⁴ Guerra da Cal, Ernesto *Futuro imemorial (manual de velhice para principiantes)*, 1985 [Lisboa; Livraria Augusto Sá da Costa Editora] nota nº 11, p. 177.

mundial em 1952 fazendo a Baiana do *Pedro Malazarte* de Camargo Guarnieri. Este dado poderia indicar que a sua participação na *Cantata* talvez se deveu ao interesse pessoal do compositor paulista.

Mais controversa pode resultar a participação na regência do compositor e pedagogo Hans-Joachim Koellreutter. Discípulo de Hindemith, deixou a Alemanha nazi para se naturalizar brasileiro, sendo lá um dos mais influentes professores. Entre a sua legião de alunos destacam grandes nomes como os de Tom Jobim, Caetano Veloso, Claudio Santoro, Guerra-Peixe...

A relação entre Koellreutter e Camargo Guarnieri tornou-se difícil depois deste último publicar em 1950 o opúsculo *Carta Aberta aos Músicos e Críticos do Brasil*. O texto era uma crítica, sem nomeá-lo, à influência que o professor de origem alemã estava a provocar nas novas camadas de compositores portugueses:

«O dodecafonismo é assim, de um ponto de vista mais geral, produto de culturas superadas, que se decompõem de maneira inevitável; é um artifício cerebralista, anti-nacional, anti-popular, levado ao extremo; é química, é arquitetura, é matemática da música - é tudo o que quiserem - mas não é música. É um requinte de inteligências saturadas, de almas secas, descrentes da vida; é um vício de semicompreender, de sentir, de amar e revelar tudo que há de novo, dinâmico e saudável ao espírito de nosso povo.»

Admira que Koellreutter assumira a regência da *Cantata*. Tem-se falado muito da polémica entre os dois velhos amigos, da rutura e reconciliação, se é que a houve, mas a dia de hoje considero que só à intervenção do grande diplomata Sprague-Smith couve o mérito de juntá-los para o evento.

Merece um pequeno comentário o problema suscitado pela datação do manuscrito. Na capa do mesmo aparecem duas datas, 8 e 9 de setembro de 1959. Cremos que o manuscrito é um autógrafo, pelo que quiçá com a dupla datação Camargo Guarnieri quis, simplesmente, refletir o dia de começo e remate da transcrição. Mas a estreia da *Cantata* foi uns dias antes, o 20 de agosto de 1959. Resulta óbvio que a partitura por nós consultada não é a partitura utilizada na estreia, pelo que teve de haver, quando menos, outra anterior. Isto coloca-nos ante a questão de que foi o que levou ao mestre a fazer uma segunda cópia. Dado que a *Cantata* foi dedicada a Sprague-Smith é possível que Camargo Guarnieri ofertara ao seu amigo o original, querendo ficar ele com uma cópia. Em qualquer caso, apontamos a hipótese de que nesta segunda cópia o maestro pudera ter feito correções, acréscimos ou qualquer outra modificação à partitura tocada no Salão Nobre da Universidade da Bahia.

O texto do poema "Colóquio" de E. Guerra da Cal foi publicado no programa do concerto de estreia, o dia 20 de agosto de 1959, ainda que temos notícia de ter sido adiantado no dia anterior num jornal baiano. Como é costume na obra do nosso poeta, tanto o poema publicado no programa quanto o do jornal apresentam algumas diferenças quanto à versão definitiva, publicada anos depois, em 1985 em Lisboa, no poemário *Futuro Imemorial*. Na nossa edição da *Música dos Seis Poemas Universais de Ernesto Guerra da Cal* decidimos respeitar o texto empregado na música pelo maestro Camargo Guarnieri, ao tempo que reproduzimos separadamente a última versão do poema preparada pelo seu autor.

Que nós saibamos, a *Cantata Colóquio* só foi interpretada duas vezes, sempre no Brasil; em 20 de agosto de 1959, dia da estreia, e recentemente, em 2008, no Rio de Janeiro pela Orquestra de Solistas do Rio de Janeiro, com a regência de Rafael de Barros de Castro. A nossa é a primeira edição em papel do texto musical.

I. *Colóquio*. Cantata para canto, coro (*ad libitum*), quinteto de sopro, piano e percussão.

Música: M. Camargo Guarnieri; Letra: Ernesto Guerra da Cal em *Futuro imemorial (manual de velhice para principiantes)*, 1985 [Lisboa; Livraria Augusto Sá da Costa Editora] p. 44

Data do manuscrito autógrafo consultado: 08/09 de setembro de 1959, São Paulo.

Lugar e data da estreia: Salão Nobre da Universidade da Bahia, São Salvador da Bahia; 20 de agosto de 1959.

Na estreia, a Orquestra de Câmara da Universidade da Bahia foi dirigida pelo Prof. Hans Koellreutter (Freiburg, 2 de setembro de 1915; São Paulo, 13 de setembro de 2005).

- O VII Festival da Canção Galega

As diferentes edições do Festival da Canção Galega tiveram lugar em Ponte Vedra entre os anos 1960 e 1967, sendo o seu ideólogo e principal impulsor o crítico musical Antonio Fernández-Cid de Temes (Ourense, 01-11-1916; Bilbo, 03-03-1995). O festival dava continuidade a uns concertos celebrados em Ourense em 1958, na sequência da inauguração do seu conservatório do que era diretor Antonio Iglesias, falecido recentemente. Na cidade das burgas a organização dos concertos contou com o apoio do Governador Civil Vicente Muñoz Calero e, depois do seu deslocamento a Ponte Vedra, do presidente da câmara José Filgueira Valverde. Na realidade, o Festival pontevedrés durou, praticamente, o que a presidência do Filgueira, que foi de 1959 até 1968.

Vicente Asencio e Matilde Salvador enviaram para o concerto de Ourense duas peças:

O neno preguntava. Letra de Celso Emilio Ferreiro e música de Vicente Asencio.

Eu em ti. Letra de Celso Emilio Ferreiro e música de Matilde Salvador.

Os poemas de Celso Emilio foram tirados de *O sonho asulagado*, 1954 [Vigo; ed. Alba].

Ambas foram incluídas em 1961 no volume intitulado *Veinte canciones sobre textos de poetas ourensanos* [Ourense; Ediciones Conservatorio de Música de Ourense]

Na primeira página de dito volume pode ler-se:

«Esta colección se estrenó en Orense, con motivo de la inauguración de su Conservatorio de Música, en dos conferencias-concierto, celebradas los días 26 y 27 de septiembre de 1958, de las que fueron protagonistas Antonio Fernández-Cid, Isabel Garcisanz y Carmen Díez Martín»

Com motivo do VII Festival de la Canción Gallega celebrado em Ponte Vedra o 12 de julho de 1966, Vicente Asencio e Matilde Salvador enviaram cada sua peça sobre textos de Ernesto Guerra da Cal, *Desespero* e *Cantiga antiga*, respetivamente.

Na mesma edição, José Evangelista, que assina como José María Evangelista, genro do casal valenciano, participa com outras duas canções sobre textos dacialianos: *Instante* e *Mais uma vez*.

Devemos à amabilidade de José Evangelista algumas informações que resultam de interesse para resolver como se produz o encontro entre os poemas do poeta ferrolano e a música dos maestros valencianos. Segundo ele lembra foi Eugenio Montes quem lhes sugeriu trabalhar com o livro *Rio de Sonho e Tempo*, publicado por Galaxia em 1963 e de onde provêm

todos os textos musicados. José Evangelista lembra também ter conhecido Guerra da Cal na morada do casal Rafael Bosch e Angels Ballester em Long Island, no ano 1970 ou 1971. O maestro teve a oportunidade de tocar no piano, e ainda cantar as suas peças e relatou-nos, com certa emoção, como ao remate das mesmas Guerra da Cal deu-lhe um abraço.

II. *Desespero*. Canção para voz e piano.

Música: Vicente Asencio; Letra: Ernesto Guerra da Cal em *Lua de Além-Mar e Rio de Sonho e tempo*, 1991 [A Corunha; Associação Galega da Língua] p. 186.

Lugar e data da estreia: Salão Nobre do Palácio da Deputação de Ponte Vedra; 15 de julho de 1966.

Soprano: Dolores Pérez; Piano: Miguel Zanetti.

De *Desespero* contamos com dois manuscritos: um primeiro depositado na biblioteca do Institut Valencià de la Música⁵ e o segundo publicado como apêndice em GUERRA DA CAL, Ernesto *Lua de Além-Mar e Rio de Sonho e tempo*, 1991 [A Corunha; Associação Galega da Língua]. Desta peça existem duas gravações discográficas:

- *Spanish Festival*. 1998 [s.l.; Arcobaleno] 5021364942626 Soprano: Carmen Bustamante; Piano: Perfecto García Chornet.

- *Vicente Asencio: Canciones y obra para piano*. 2006 [Valencia; Institut Valencià de la Música] D.L. V-2335-2006 Soprano: Isabel Monar; Piano: Jaume Bartomeu.

III. *Cantiga antiga*. Canção para voz e harpa.

Música: Matilde Salvador; Letra: Ernesto Guerra da Cal em *Lua de Além-Mar e Rio de Sonho e tempo*, 1991 [A Corunha; Associação Galega da Língua] p. 195.

Lugar e data da estreia: Salão Nobre do Palácio da Deputação de Ponte Vedra; 15 de julho de 1966.

Soprano: Dolores Pérez; Piano: Miguel Zanetti.

Data do manuscrito autógrafo consultado: 14-06-1966, Valencia.

Da *Cantiga Antiga* contamos com dois manuscritos: um primeiro depositado na biblioteca do Institut Valencià de la Música e o segundo publicado como apêndice em GUERRA DA CAL, Ernesto *Lua de Além-Mar e Rio de Sonho e tempo*, 1991 [A Corunha; Associação Galega da Língua], aos que denominaremos, respectivamente, *ms.IVM* e *ms.AGAL*.

Ambos os manuscritos apresentam notáveis diferenças.

- a. O *ms.IVM* está datado o 14 de junho de 1966, é dizer, um mês e um dia antes da estreia em Ponte Vedra. O *ms.AGAL* leva a data do 9 de agosto de 1967.
- b. O *ms.IVM* contém a dedicatória «a Dolores Pérez». Dita dedicatória faz referência a Dolores Pérez Cayuela (1928-1983), também conhecida como Lily Berchmans, a soprano que junto com Zanetti foi protagonista da estreia.

No *ms.AGAL* a dedicatória é para o poeta ferrolano: «Para Ernest Guerra da Cal, testimoni de l'admiració i amistat d'un music da València. Matilde Salvador. 9 de agosto de 1967».

⁵ Agradecemos poder consultar estas partituras a Rosa Castell, bibliotecária do Institut Valencià de la Música.

- c. A tonalidade do *ms.IVM* está em Mi menor e a do *ms.AGAL* em Sol menor. Na nossa edição escolhemos esta última por ser o manuscrito autógrafo de data mais tardia.
- d. No compasso 22 o *ms.IVM* a mão esquerda faz um acorde de sétima, enquanto no *ms.AGAL* é de nona. Escolhemos também esta última pela mesma razão que no apartado c. e porque se observa como em ambas as partituras a mão esquerda vem executando continuamente acordes de nona.
- e. No *ms.AGAL*, a página 2 e 3 da partitura (267 e 268 do livro) são na realidade a mesma, colocadas assim por erro de edição.

IV. *Instante*. Canção para canto e piano.

Música: José [María] Evangelista; Letra: Ernesto Guerra da Cal do livro *Lua de Além-Mar e Rio de Sonho e tempo*, 1991 [A Corunha; Associação Galega da Língua], p. 227.

Lugar e data da estreia: Salão Nobre do Palácio da Deputação de Ponte Vedra; 15 de julho de 1966.

Data do manuscrito autógrafo consultado: Fevereiro de 1966, Valencia.

Soprano: Dolores Pérez; Piano: Miguel Zanetti.

V. *Mais uma vez*. Canção para canto e piano.

Música: José [María] Evangelista; Letra: Ernesto Guerra da Cal em *Lua de Além-Mar e Rio de Sonho e tempo*, 1991 [A Corunha; Associação Galega da Língua], p. 163.

Lugar e data da estreia: Salão Nobre do Palácio da Deputação de Ponte Vedra; 15 de julho de 1966.

Data do manuscrito autógrafo consultado: Junho de 1966, Valencia.

Soprano: Dolores Pérez; Piano: Miguel Zanetti.

- *Cantiga do neno da tenda de Lorca e Xoán Rubia*

Desde que concebemos a ideia de editar a presente coleção, consideramos a hipótese de incluir um dos *Seis Poemas Galegos* de Federico García Lorca, sobre os que Guerra da Cal teve uma grande influência. De todos eles, nenhum melhor que o intitulado *Cantiga do neno da tenda*.

As razões que nos levaram a esta escolha são diversas. Quiçá a fundamental foi que o próprio Lorca dedicou este poema a Guerra da Cal, mas também o facto de contar com uma versão musical, composta pelo cantor Xoán Rubia, de grande valor histórico e testemunhal.

Os *seis poemas galegos* chegam a Xoán Rubia [Aleixos] (Mugardos, 1947) de mãos do seu tio, José Rubia Barcia. Este último, professor em UCLA (University of California, Los Angeles), era grande amigo de Ernesto Guerra da Cal e amigo também, após seu passo pela Universidade de Granada, onde estudou a literatura hispano-árabe, da família García Lorca.

Xoán Rubia, segundo nos relatou ele próprio, foi a Madrid para solicitar a Isabel García Lorca, companheira do seu tio na universidade granadina, a permissão para gravar os poemas galegos de Federico. Assim em 1969, sai publicado o EP (Extended Play) *Xoán Rubia* que inclui *Noiturno do adolescente morto* e *Cantiga do neno da tenda*, sendo para nós a primeira edição musicada dos poemas lorquinos.

VI. *Cantiga do neno da tenda*. Canção para canto e duas guitarras.

Música: Xoán Rubia Alejos; Letra: Federico García Lorca em *Seis poemas galegos*, 1935 [Santiago de Compostela; Ed. Nós]

Gravação discográfica: *Xoán Rubia* 1969 [Barcelona; Edigsa/Xistral] Xis 11 EP. D.L: B 39.844-1969.

Transcrição e arranjo para canto e duas guitarras: Isabel Rei Samartim.

A versão do texto que apresentamos aqui é uma adaptação à grafia comum do manuscrito original, com letra de Guerra da Cal, publicado por X. Landeira Yrago na revista *Grial*, n.º 88, abril-junho, 1985. A primeira publicação dos *Seis Poemas Galegos* de Lorca teve lugar em 1935, de que foi responsável o escritor galego E. Branco Amor, quem realizou algumas modificações. Na “*Cantiga do Neno da Tenda*” os versos modificados por Branco Amor são os números 3: “que a toca”, 6: “aló, na rua Esmeralda”, 7: “basoira que te basoira”, 8: “polbo de estantes e caixas” e 21: “atopou”, também desapareceu a dedicatória original a Guerra da Cal. A versão de Branco Amor foi numerosas vezes reproduzida e a única conhecida até à publicação dos manuscritos originais. Nesta nossa edição decidimos recuperar, com algumas correções linguísticas necessárias, o original escrito pela mão de Guerra da Cal, verdadeiro inspirador dos poemas que García Lorca ofereceu à língua portuguesa.

Textos dos
Seis Poemas Universais
de **Ernesto Guerra da Cal**

I

COLÓQUIO

Ao maestro M. Camargo Guarnieri
que musicou este poema.

No começo
falou apenas Deus
E a sua voz sem eco
sem Princípio e sem Fim
rolava no vazio
sobre o império das águas
como enorme trovão
do Verbo do Absoluto

Depois
apareceu a voz do Homem
inérita
inocente
E ainda quente do sopro criador
procurou a Verdade
no seu corpo
E encontrou o Pecado e a Mentira

E Deus nada dizia!

E o Homem
exilado
desolado
buscou o seu irmão
E o diálogo mortal
sanguinolento
o levou a fugir pelos caminhos
monologando tenebrosamente
com a sua sombra longa e fraticida

E Deus não respondia!

Mas afinal os Homens
agora os Homens todos
babélicos
inúmeros
às centenas
milhares
e milhões
quiseram encontrar-se
procurando a Verdade
nos outros
no colóquio

E abraçados
juntaram uma voz
unânime e diversa
e gigantesca
que chegou às Alturas

Retumbou o trovão
E a voz do Pai
sorriu
entre barbas de nuvens
falando às criaturas

Cidade do Salvador
BAHIA
1959

II

DESESPERO

Tantas naus
no mar
levadas do vento
e
eu
aqui na praia
remendando as velas
do meu desalento

Tão belas
no ar
voando as gaivotas
e
eu
aqui no cais
arranjando
triste
minhas asas rotas

Nuvens navegando
no céu
devagar
e
eu
sempre esperando
o dia da partida
que não vai chegar

III

CANTIGA ANTIGA

Ai, amiga!

Eu sou amor marinho
marinheirinho do mar
sempre pelas altas ondas
da minha alma
a navegar

Ai, amiga!

EU
nesse mar
TU
no porto do teu coração
dorida
Se algum dia eu arribar
é p'ra nova despedida

Ai, amiga!

Eu não sou para ficar
Eu sou amor de sarpar
e
singrar
sem acougar
numa perpétua partida
pelo mar da minha alma
no barco da minha vida

IV

INSTANTE

A Matilde Ucelay de Ruiz-Castillo

A Folha caiu
E da sua queda
música surgiu

Música tão leda
tão triste
tão rara
que o Vento
que a ouviu
parou um momento
e voltou a cara

V

MAIS UMA VEZ

Mais uma vez
-só uma-
percorro passeante
solitário
as ribeiras ridentes
nevoentas
do meu rio de tempo

Mais uma vez visito
o vale sem regresso
dos meus objetos nostálgicos
perdidos

Mais uma vez
recobro
o remoto sabor
do pão antigo
na velha mesa
que o recorde inventa

E digo o meu adeus
final
definitivo
aos meus anos frondosos
verdecentes
que assombream a beira do caminho

Mais uma vez
só uma...
A derradeira!

VI

CANTIGA DO NENO DA TENDA

FEDERICO GARCÍA LORCA

A Ernesto P. Güerra [Ernesto Guerra da Cal]

Bôs Aires tem uma gaita
sobre o Rio da Prata,
que a toca o vento do Norte
coa sua gris boca molhada.

Triste Ramão de Sismúndi!
Junto a rua d'Esmeralda
c'uma vassoira de giesta
sacava o pó das caixas.

Ao longo das ruas infindas
os galegos passeavam
sonhando um vale impossível
na verde riba do pampa.

Triste Ramão de Sismúndi!
Sentiu a moinheira d'água
mentres sete bois de lua
pasciam na sua lembrança.

Foi-se pr'a beira do rio
beira do Rio da Prata,
salsos e cavalos nus
quebram o vidro das águas.

Não encontrou o gemido
melancólico da gaita,
não viu o imenso gaiteiro
coa boca florida d'asas.

Triste Ramão de Sismúndi!
Beira do Rio da Prata
viu na tarde amortecida
vermelho muro de lama.

M. Camargo Guarnieri

Colóquio

*Cantata para soprano, coro (ad libitum),
quinteto de sopros, piano e percussão
(São Paulo, 9-9-1959)*

“A linguagem musical não deve ser considerada como uma religião, porque o espírito que dela transcende, é livre de qualquer dogma” (Dr. E. Caruso).

É muito difícil para mim comentar a obra de meu pai, inevitavelmente exaltando a sua genialidade, sem me preocupar com o risco de parecer banal a causa do parentesco.

A *Cantata* inicia com a voz de Deus –um tema sério, solene, abrangente: exposto em oitavas largas (flauta e clarinete), sobre um contínuo pedal em Mi–. Acrescenta algum movimento ao aparecer a voz do homem que procura a verdade retornando ao tema inicial sobre o estático pedal em *pp* agora em Ré: “E Deus não respondia!”. Continua o poema com o homem que encontra seu irmão, o mata e foge. O ostinato seco da percussão e piano nos leva a caminhar em harmonias e pequenas dissonâncias que se resolvem mais uma vez em um pedal de uma única nota –um Lá *pp*– sustentada pela trompa: “Deus nada dizia”. Tormentos de arpejos e trinados culminam em tercinas quando homens se encontram procurando a verdade.

A voz dos homens, unânime chega às alturas reforçada por um coro em uníssono! Nós todos que dizemos a mesma coisa! A obra se encerra jubilante com Deus, que sorrindo fala à sua criação em uma apoteose de ritmos e melodias em um grande crescendo ao *ff* final.

A cantata *Colóquio* aonde Guerra de Cal nos conta em poema a Criação do homem que Camargo Guarnieri traduz em música, é um dos muitos exemplos de sua genialidade e sensibilidade.

A fusão dessas linguagens faz com que a mensagem chegue a nós **límpida e transparente** como a imagem que guardo da pessoa que era meu pai.

Tânia Camargo Guarnieri

Colóquio

Cantata para soprano, coro (ad libitum), quinteto de sopros, piano e percussão
(São Paulo, 9-9-1959)

Texto: Ernesto Guerra da Cal (1911-1994)

Música: M. Camargo Guarnieri (1907-1993)

Maestoso ($\sigma = 60$)

Flauto *ff*

Oboe *tenuto ff*

Clarinetto [in Sib] *ff*

Fagotto *tenuto ff*

Corno [in Fa] *tenuto ff*

Percussione

Canto

Piano *ff*

Detailed description: This block contains the first ten measures of the score. It features a woodwind quintet (Flute, Oboe, Clarinet in B-flat, Bassoon, Horn in F) and piano accompaniment. The tempo is marked 'Maestoso' with a quarter note equal to 60 beats. The key signature has one sharp (F#) and the time signature is 2/2. The woodwinds play sustained notes with dynamic markings of *ff* and *tenuto*. The piano part provides a harmonic foundation with chords and moving lines in both hands.

Detailed description: This block contains measures 11 through 20 of the score. The instrumentation remains the same as in the previous block. The woodwinds continue with sustained notes, and the piano accompaniment features more complex chordal textures and melodic lines. The dynamic markings *ff* and *tenuto* are maintained throughout.

41



mf *mf* *f* *f*

pp *mf* *cresc.* *mf* *f*

pé - rio das á - guas com e - nor - me tro - vão do Ver - bo do A - bso - lu -

50



ff *ff* *ppp* *ff* *ff*

to

61

pp

pp

pp

pp

p

p

p

p

Tbro. m.

p

p

De - pois a - pa - re - ceu a voz do Ho - mem i -

p

senza Ped.

68

p

p

p

p

cresc. poco a poco

cresc. poco a poco

cresc.

né - di - ta i - no - cen - te E'a - in - da quen - te do so - pro cri - a -

cresc. poco a poco

94

pp subito

pp subito

pp

pp

pp subito

pp

p

E Deus não res-pon-di-a!

ff

pp

106

pp

pp

pp

pp

pp

pp

p

E'o Ho-mem e-xi-la-do de-so-

Tbro. r. *coperti*

Tbro. m. *pp*
coperti
pp

pp

(sempre secco) senza &ed.

116

la - do bus-cou o seu ir - mão E'o diá - lo-go mor - tal san-gui-no - len - to o le -

124

vou a fu - gir pe-los ca - mi - nhos mo-no-lo - gan-do te-ne-bro-sa - men-te com su - a som - bra lon -

ga e fra-tri - ci - - - da

p (declamato)
E Deus na-da di - zi - a!

Musical score for measures 155-164. The score includes a piano part with six staves and a vocal line. The piano part consists of a treble clef staff with a melodic line, a bass clef staff with a bass line, and four empty staves. The vocal line is on a single staff. Dynamics range from *p* to *ff*. The tempo is marked "Più mosso" with a quarter note equal to 92. There are trills and sixteenth-note runs in the piano part.

Musical score for measures 165-174. The score includes a piano part with six staves and a vocal line. The piano part consists of a treble clef staff with a melodic line, a bass clef staff with a bass line, and four empty staves. The vocal line is on a single staff. Dynamics range from *f* to *ff*. The tempo is marked "Più mosso". There are trills and sixteenth-note runs in the piano part.

175

tr

ff

ff

ff

Andantino (♩ = 80)

186

ff *p*

ff *p*

ff *p*

ff *p*

ff *p*

f

Mas a - fi - nal os Ho - mens a - go - ra'os Ho - mens to - dos ba - bé - li-cos i -

ff *p*

cresc. poco a poco

cresc. poco a poco

196

nú - me-ros _____ às cen - te - nas _____ mi - lha - res e mi - lhões _____

203

cresc. sempre

qui - se - ram _____ en-con - tar _____ se pro-cu - ran - do'a Ver - da _____

cresc.

Poco più (♩ = 92)

211

de nos ou - tros no co - ló - quio

220

E'a-bra - ça-dos jun - ta-ram uma voz u - nã - ni-me

229

e di - ver - sa e gi - gan - tes - ca que che - gou às Al - tu - ras Re-tum-

237

bou re - tum - bou o tro - vão E a voz do Pai

cresc. sempre

246

— sor - riu en - tre bar - bas de nu - vens fa - lan -

254

do às cri - a - tu - ras a - bra - ça - - - das!

Vicente Asencio

Desespero

Para canto e piano

As canções galegas de Matilde Salvador (1918-2007) e Vicente Asencio (1908-1979) constituem uma parte importante da sua produção vocal.

Matilde Salvador, especialmente, compôs muitas canções e obras corais. A voz era talvez o seu médium preferido. Asencio compôs poucas canções mas muito significativas.

Desespero (Guerra da Cal) é, na minha opinião, a melhor das suas canções. Naquela época (1966) eu começava a compor e as minhas duas canções foram talvez as primeiras encomendas. Pediu-mas Antonio Fernández Cid. São obrinhas de principiante que demonstram o meu descobrimento da música de Messiaen e dos seus famosos modos.

Guardo uma carinhosa lembrança de um serão em casa de Guerra da Cal, em Long Island. Cantei (como pude) as minhas canções acompanhando-me do piano. Deu-me um afetuoso abraço.

José Evangelista

Desespero

Texto: Ernesto Guerra da Cal (1911-1994)

Música: Vicente Asencio (1908-1979)

Lentamente (♩ = 80)

Canto

p

Tan - tas naus no mar le - va - das do

Piano

p

4

ven - to e eu a - qui na pra - ia re - men - dan - do as ve - las do meu des - a -

m. d. *mp* *m. s.*

7

len - to Tão be - las no

p *m. s.*

10

ar - vo - an - do as gai - vo - tas e eu a - qui no cais a - rran - jan - do

13

tris - te mi - nhas a - sas ro - tas! Nu - vens na - ve -

17

gan - do no céu de - va - gar e eu sem - pre es - pe - ran - do o di - a da par -

20

ti - da que não vai che - gar!

Matilde Salvador

Cantiga Antiga

Para canto e harpa

Cantiga Antiga

(1966)

Texto: Ernesto Guerra da Cal (1911-1994)

Música: Matilde Salvador (1918-2007)

Andantino (♩ = 104)

Canto

mf Ai, a-mi - ga! — *mf* Eu sou a - mor ma - ri - nhei - ro

Arpa

mf *p* *p*

7

ma - ri - nhei - ri - nho do mar sem - pre pe - las al - tas on - das da mi - nha al - ma a na - ve -

12

mf gar Ai, a-mi - ga! — *mf* EU nes - se mar TU no por - to do teu co - ra - ção

19 *molto rit.* ----- *a tempo* *molto rit.*

p *mf* *f*

do - ri - da Se al - gum di - a eu a - rri - bar... é pra no - va des - pe - di - da

24 *a tempo* *mf* *mf*

Ai, a - mi - ga! — Eu não sou pa - ra fi - car — Eu sou a - mor de sar -

31

par e sin - grar sem a - cou - gar — nu - ma per - pé - tu - a par - ti - da

37 *f* *rit.* ----- *a tempo*

pe - lo mar da mi - nha al - ma no bar - co da mi - nha vi - da. —

mf *f* *rit.* ----- *a tempo* *p*

José Evangelista

Instante

Mais uma vez...

Para canto e piano

Instante

Texto: Ernesto Guerra da Cal (1911-1994)

(fevereiro 1966)

Música: José Evangelista (1943)

Lento (♩ = 88)

Canto

p

A Fo-lha ca - iu e da su - a

Piano

fp

6

que - da mú-si-ca sur - giu ————— Mú-si-ca tão le - da tão

p *cresc.*

11

tris - te tão ra - ra ————— que o Ven - to que a ou - viu pa -

rall. ----- *a tempo*

14

rou um mo - men - to e vol - tou a ca - ra

rall. ----- *a tempo*

m. s. *fpp*

Mais uma vez...

(junho 1966)

Texto: Ernesto Guerra da Cal (1911-1994)

Música: José Evangelista (1943)

Lento (♩ = 92)

The musical score is written for voice and piano. It consists of three systems of music. The first system (measures 1-4) shows the vocal line starting with a rest, followed by the lyrics 'Mais u - ma vez' and 'só u - ma'. The piano accompaniment features a steady eighth-note bass line and chords in the right hand. The second system (measures 5-8) continues the vocal line with lyrics 'per - co - rro pa - sse - an - te so - li - tá - rio' and 'as ri - bei - ras ri - den - tes ne - vo'. The piano accompaniment continues with similar rhythmic patterns. The third system (measures 9-12) includes the lyrics 'en - tas' and 'do meu ri - o de tem - po' followed by a rest and 'Mais u - ma vez vi -'. The piano accompaniment includes a 'poco rall.' marking and a 'mf' dynamic. The score uses various time signatures: 3/4, 4/4, 5/4, and 3/4.

Canto

Mais u - ma vez só u - ma

Piano

p

5

per - co - rro pa - sse - an - te so - li - tá - rio as ri - bei - ras ri - den - tes ne - vo

9

en - tas do meu ri - o de tem - po Mais u - ma vez vi -

poco rall. --- *mf*

poco rall. --- *mf*

14

si - to o val sem vol - ta dos meus on - tens nos - tál - gi - cos per - di - dos

18

Mais u - ma vez re - co - bro o re - mo - to sa - bor do pão an - ti - go na ve - lha

23

me - sa que o re - cor - do in - ven - ta. E

28 *p*

di-go meu a-deus fi - nal de-fi - ni - ti - vo aos meus a - nos fron - do - sos ver - de - cen - tes que a - ssom -

32

bre - ian a bei - ra do ca - mi - nho

36 *ad libitum*

Mais u - ma vez só u - ma a de - rra - dei - ra

Xoán Rubia

Cantiga do neno da tenda

*Arranjo para canto e dúas guitarras por
Isabel Rei*

Os seis poemas que Federico García Lorca escreveu em Galego, com a ajuda inestimável de Eduardo Blanco Amor e Ernesto Guerra da Cal, chegaram a mim da mão do meu tio Xosé Rubia Barcia.

Xosé foi amigo de Guerra da Cal e informou-me de como foram nascendo essas seis achegas galegas do poeta espanhol, talvez, mais universal. São estes uns poemas que levam implícita uma musicalidade ávida por sair à superfície, assim que diante deles tomei a ousada determinação de passá-los ao pentagrama e incluí-los naquele contexto que se deu em chamar “Nova Canção Galega”.

Um deles, o intitulado *Cantiga do neno da tenda*, que Lorca dedicou a Guerra da Cal, chamou-me poderosamente a atenção por tratar um tema, o da emigração, que vem a ser, por desgraza, consubstancial ao povo galego desde o século XIX até hoje. Esse foi o primeiro que abordei, a ele logo seguiriam *Madrigal à Cidade de Santiago* e *Canção de berço para Rosalia de Castro morta*, os três já gravados e editados, depois de entrevistar-me com Isabel García Lorca em Madrid para obter a correspondente autorização; escrita autógrafa que conservo junto às minhas lembranças daquele tempo.

Há sem dúvida algo de Ernesto Guerra da Cal nos seis poemas lorquianos, por isso no reconhecimento que com todo o merecimento agora se lhe está a outorgar a este ferrolano ilustre, alegra-me muito que um poema musicado e cantado por mim faça parte da homenagem a este homem, peça fundamental da cultura galega.

Xoán Rubia

Cantiga do neno da tenda

Texto: **García Lorca** (1898-1936) / **Guerra da Cal** (1911-1994)

Música: **Xoán Rubia**
Arranjo: **Isabel Rei**

• = 96

Canto

Guitarra 1

Guitarra 2

7 *mf*

Bôs Ai - res tem u - ma gai - ta_ so - bre o Ri - o da Pra - ta, que'a to -

8 *mf*

13

ca'o ven - to do Nor - te_ coa sua gris bo - ca mo - lha - da, que'a to - ca'o ven - to do

The musical score is written for voice and two guitars. It begins with a tempo marking of quarter note = 96. The key signature has one sharp (F#). The vocal line starts with a whole rest for the first six measures. The guitar parts provide accompaniment with chords and a rhythmic pattern. The lyrics are in Galician. The score is divided into three systems. The first system covers measures 1-6. The second system starts at measure 7 and includes the lyrics 'Bôs Ai - res tem u - ma gai - ta_ so - bre o Ri - o da Pra - ta, que'a to -'. The third system starts at measure 13 and includes the lyrics 'ca'o ven - to do Nor - te_ coa sua gris bo - ca mo - lha - da, que'a to - ca'o ven - to do'. The guitar parts use various chord voicings and include some double bass notes.

18 *f*

Nor - te__ coa sua gris bo-ca mo - lha - da.__ Tris-te Ra-mão de Sis-mún - di!

24

Jun-to'a ru a d'Es-me - ral - da, c'u-ma vas - soi-ra de gies - ta__ sa - ca - va o pó das

29 *mp*

cai - xas, c'u-ma vas - soi-ra de gies - ta__ sa - ca - va o pó das cai - xas.

34 *mf*

Ao lon-go das ruas in - fin - das__ os ga-le-gos pas-se - a - vam so-nhan-do'um val' im-pos -

39

sí - vel na ver-de ri - ba do pam - pa, so-nhan - do'um val' im - pos - sí - vel__

44 *mp* *f*

na ver-de ri - ba do pam - pa. Tris - te Ra-mão de Sis - mún - di! Sen - tiu a moi-nhei-ra

49

d'á - gua men-tres se - te bois de lu - a__ pas-ciam na su - a lem - bran - ça, men-tres

54 *mp*

se - te bois de lu - a__ pas - ciam na su - a lem - bran - ça. __

58 *dolce*

Foi - se p'ra bei - ra do ri - o, bei - ra do

64

Ri - o da Pra - ta, sal - sos e ca - va-los nus

70 *mp*

que - bram o vi - dro das á - guas.

76 *mf*

Não en - con-trou o ge - mi - do me-lan - có - li-co da gai - ta,

81 *f*

não viu o'i-men-so gai - tei - ro _____ coa bo-ca flo-ri-da d'a - sas_ Tris-te Ra-mão de Sis-

86

mún - di! bei-ra do Ri - o da Pra - ta, viu na tar - de'a-mor - te - ci - da_

91 *mf* *mp*

ver-me-lho mu-ro de la - ma, viu na tar - de'a-mor - te - ci - da_ ver-me-lho mu-ro de

96 *p*

la - - - ma.

INDICE

Textos:

Guerra da Cal "lírico". José-Martinho Montero Santalha	9
Nota breve à música dos Seis Poemas Universais de Ernesto Guerra da Cal. J. L. do Pico Orjais	12
Textos dos Seis Poemas Universais de Ernesto Guerra da Cal	19

Música:

Colóquio. Cantata para voz, quinteto de sopros, piano e percussão. Camargo Guarnieri	25
Desespero. Para canto e piano. Vicente Asencio	41
Cantiga antiga. Para canto e harpa. Matilde Salvador	45
Instante. Para canto e piano. José Evangelista	49
Mais uma vez. Para canto e piano. José Evangelista	51
Cantiga do neno da tenda. Xoán Rubia. Arranjo para canto e duas guitarras de Isabel Rei	55